



A Alteridade como Valor na Comunicação¹

Prof^a Dr^a Dulce Adélia Adorno-Silva²

Centro de Linguagem e Comunicação

Pontifícia Universidade Católica de Campinas

Resumo

Analisa a alteridade (Lévinas) como valor, que se realiza pela comunicação. Pontua a linguagem como mediação entre dois seres (o eu e o outro), cuja relação é dialética; nela há conflitos, a serem mediados pelo diálogo. Observa, na sociedade complexa (Morin), a importância da linguagem para transmissão de conhecimentos e preservação da cultura. Compara com a secundidade (Peirce) que resulta na idéia de comunidade, que se faz pela relação com o outro. Indica que, na sociedade complexa, as TIC podem ser usadas para resolver conflitos, pelo uso da informação (Wiener). Comenta a proliferação dos objetos, hoje substituídos pelas Informações (não-coisas), que o poder usa para se exercer. Conceitua valor (Hessen e Resweber) e situa a alteridade como o principal deles; é informação a ser comunicada, pelas TIC. Exemplifica com o anúncio Itaú-feira. Utilizam-se os métodos: complexo e o dialético.

Palavras-chave

Alteridade; sociedade complexa; mediação sógnica; dialética e diálogo; valor.

Introdução

Se a palavra comunicação traz em seu radical o significado de tornar comum, ela pressupõe a existência de mais de um polo de comunicação, ou seja, ela tem como condição *sine qua non* para realizar-se, a presença de, pelo menos, dois seres: um ser emissor (o ego) que constrói uma mensagem por meio de signos; e outro ser, que, de algum modo, será afetado pela mensagem emitida. Assim, é próprio do caráter do signo ser mediação, ou seja, ele se coloca entre dois indivíduos, no meio deles, para que se processe a comunicação; o ato comunicativo é a base da sociedade humana, porque alicerça as relações entre os homens.

¹ Trabalho apresentado no GP Publicidade – Propaganda política (DT 2), evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora da Faculdade de Publicidade e Propaganda do CLC, PUC-Campinas, e-mail: d.adorno@uol.com.br e dulceadorno@puc-campinas.edu.br



Portanto, pode-se afirmar que a comunicação existe para o diálogo entre os homens, não apenas por meio da linguagem verbal, mas por meio de todas as linguagens, uma vez que todas elas pressupõem a comunicação. Nesse sentido, recorda-se que, “Dialética, na Grécia antiga, era a arte do diálogo”(KONDER, 2008, p.7) que definia conceitos envolvidos em uma discussão, mas hoje em dia significa o modo de pensarmos as contradições da realidade que se realiza como processo: ela está em constante movimento. Observa-se, então, que, se o ato de comunicação pressupõe o eu e o outro e, como linguagem humana, não é instintiva: ela não responde sempre da mesma forma em situações predeterminadas -, logo a comunicação é processo dialético, porque pressupõe o tempo todo, a discussão, as oposições, o conflito, que ocorre entre os dois polos, por meio dos signos.

O importante no mundo atual é aceitar o conflito que deve ser mediado pela comunicação dialógica, a fim de que o ser humano reconheça a importância do outro para constituir sua identidade social, manter a civilização e sustentar os valores de que precisa para viver com dignidade. No entanto, a relação comunicativa mediada faz-se de modo diferente no mundo atual, uma vez que a sociedade se tornou complexa, por causa do desenvolvimento humano e da evolução fabricada pelos próprios homens.

A sociedade complexa

Embora se tenha muito respeito pela teoria de Rousseau, não se concorda com o sonho prometéico que reveste sua teoria, quando valoriza o homem em estado natural: (...) “o estado natural seria o mais adequado à paz e o mais conveniente ao gênero humano.” (s.d., p.165) -, uma vez que se compreende a comunicação humana como possibilidade, meio do diálogo possível, para que, continuamente, seja propiciada a aceitação do outro, no processo da evolução (civilização) que se faz através de conflitos, que definem o outro como um dos pólos da dialética. O próprio Rousseau aponta essa possibilidade por meio do pacto entre os homens:

Ora, como é impossível aos homens engendrar novas forças, mas apenas unir e dirigir as existentes, não lhes resta outro meio, para se conservarem, senão formando, por agregação, uma soma de forças que possa arrastá-los sobre a resistência, pô-los em movimento por um único móbil e fazê-los agir de comum acordo. (p.30)

- mas, em seguida, discute o contrato social, que não é o objetivo deste artigo, cuja proposta é fazer reflexão sobre a possibilidade de entendimento entre os homens, por



meio da comunicação como mediação. O homem atual vive em uma sociedade complexa, onde os conflitos surgem a todo instante e com grande frequência, mas podem ser solucionados, à medida que se aceite a alteridade como valor presente na comunicação para com o outro. Por esse motivo, fundamenta-se em Edgar Morin, apoiando-se também em Peirce, para que se entenda como a visão dialética e dialógica do outro pode favorecer a solução de conflitos, na sociedade complexa.

O primeiro momento da concepção moriniana de sociedade referencia-se da seguinte maneira: “Que é a sociedade, se não um sistema combinatório proveniente da multiconexão entre os cérebros dos indivíduos que a constituem? - (supersistema nervoso coletivo)” (MORIN,1998, p.99). Em seguida, o autor passa a diferenciar a sociedade animal da sociedade humana, observando que a primeira reside na memória, logo é “um patrimônio hereditário” presente em cada indivíduo (p.100), “reserva de invariância” (ibid.), ou seja, são “programas de comportamento inato”, no “domínio dos signos e ritos de comunicação interindividual e relação sexual”³ (ibid.) Todavia, a sociedade humana, marcada pela complexificação do cérebro e da sociedade,

(...) desenvolve uma esfera, não inata, mas adquirida e transmitida aos indivíduos, de saberes e saber-fazer. As aquisições de conhecimento sobre a natureza, as técnicas do corpo e o fabrico de artefatos, armas, utensílios, abrigos, desenvolvem-se e crescem. As intercomunicações que se desenvolvem suscitam a emergência da linguagem de dupla articulação, a qual passa a permitir a inscrição e a transmissão dos conhecimentos até ao infinito. (p.105)

Nesse sentido, as regras precisam ser mantidas e repassadas para as gerações seguintes, tendo em vista a organização social que depende da interação entre os indivíduos, a qual se faz por meio da comunicação, que se constitui uma verdadeira esfera cultural, social etc, indispensável à manutenção da complexidade social.⁴

Peirce, embora por outro caminho teórico, mas com pontos de intersecção com as teorias dos estudiosos em questão, porque aceita o homem como ser social, situa-o em uma relação objetiva com a realidade, quando observa que “ela envolve essencialmente a noção de uma COMUNIDADE sem limites definidos, capaz de um progresso de conhecimento definido.” (1974, p.87). Sem dúvida, está evidente nessa afirmação, a

³ Morin chama neguentropia, esses programas de comportamento dos animais.

⁴ O autor define a cultura como: uma esfera informacional/organizacional que garante e mantém a complexidade humana – individual e social – para além da complexidade espontânea que nasceria da sociedade se esta estivesse privada desse capital informacional/organizacional adquirido.” (1998, p. 106)



possibilidade da existência de uma sociedade complexa, devido ao desenvolvimento humano e à conseqüente evolução social.

Embora caiba ao homem a responsabilidade de manter a sociedade e fazê-la evoluir, parece que, em busca de mais poder, ele também se empenha em destruir o outro, fazendo guerras cujo armamento, cada vez mais se aperfeiçoa, em função da destruição da cultura e da civilização que ele mesmo criou. Portanto, é importante que se reafirme a sociedade e a cultura como decorrentes do valor da alteridade, que se reconhece pelas linguagens, que são os meios pelos quais os indivíduos, em contato uns com os outros, adquirem identidade e alicerçam a civilização. Assim, passa-se a analisar a importância da alteridade para a transmissão de conhecimentos, que se constituem valores importantes para a manutenção da civilização, assim como os valores de que dela dependem para a manutenção da organização social, ou seja, principalmente do diálogo em função da paz.

A comunicação na sociedade complexa

No processo de evolução da sociedade humana, segundo Morin, a complexidade humana é garantida pela cultura, conforme já citado, que se sustenta no “capital informacional/organizacional adquirido.” (1998, p. 106). A cultura, que não é inata, não se organiza naturalmente, intervém na complexidade humana, pois cria sistemas de organização que definem as interações sociais, que podem se sustentar por meio de regras e interditos, mas que, como sistemas podem também estar fadados à desorganização. As formas de comunicação que sustentam as relações de complexidade humana, graças à evolução das tecnologias, que podem ser usadas para a destruição da civilização, ao mesmo tempo podem também se tornarem meios de sustentação de valores culturais.

Logo, o uso das TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação), além de atender à produção de objetos para consumo, podem também associar aos produtos, valores éticos em função da sustentação da civilização. Elas caracterizam, pela evolução tecnológica, a sociedade complexa e incorporam novos meios de comunicação que devem ser utilizados para a aceitação dos conflitos, como sugerir a possibilidade de diálogo para que eles sejam discutidos em função do consenso e da paz.

Por esse motivo, o processo do diálogo em conflitos, depende do constante ajuste à sociedade (ao mundo), que, no mundo atual, se faz principalmente, por meio da



informação, que se entende como o conteúdo da mensagem em processo de comunicação, ou seja, segundo Norbert Wiener, “informação é o termo que designa o conteúdo daquilo que permutamos com o mundo exterior ao ajustar-nos a ele e que faz com que nosso ajustamento seja nele percebido.” (1970, p.17). Como a sociedade se tornou complexa, as TICs atendem às nossas necessidades de comunicação para esse ajuste ao mundo.

Com a complexificação do mundo, porém, a informação passou a ter como referente um número infinito de mensagens distantes do mundo natural, que o substituíram pela representação sígnica. Portanto, a informação se reorganiza a partir de um universo de conhecimentos já transformados em informações. No universo sígnico em que vivemos, há uma transferência: procede-se a uma seleção para uma outra organização de uma nova mensagem. A multiplicidade de informações do mundo moderno requer a organização de novas mensagens, pressupondo a seleção dentre as já existentes; mas se não houver uma organização adequada, coerente, a mensagem não terá a eficiência pretendida.

No entanto, a informação não possui um valor em si, mas como depende das linguagens, depende também, para sua efetivação, do contexto e, principalmente do reconhecimento do outro, para o contínuo processo dialógico de ajuste ao mundo, que, por sua vez, vai se transformando juntamente com os processos informativos (ele deixou de ser natural) e passou a ser referenciado por uma infinidade de objetos artificiais que se organizaram a partir das informações registradas e, também, como elas. Assim, o diálogo em busca da alteridade passa a ser feito através de meios, que organizam a informação de modo tecnológico, substituindo o mundo natural. Isso porque, com a tecnologia (técnica pensada e universalizada) outras linguagens foram criadas como forma de organização da informação; rádio, cinema, televisão, computador determinaram novos modos de organizá-la e, com a formação das massas, a comunicação que já se modificara com a escrita e depois, com a imprensa, proliferou um sem fim de formas informativas de ampla e numerosa recepção.

No mundo atual, os objetos (as coisas fabricadas pelo *homo faber*) são oferecidos pelas informações, que atualmente os substituem, visto que se tornaram mais importantes que eles: “Agora irrompem não-coisas por todos os lados, e invadem nosso espaço, suplantando as coisas. Essas não-coisas são denominadas “informações”.”(FLUSSER, 2007, p.54). Como informa o autor, “todos os valores serão transferidos para as informações.” (p.56), de que se apropriam os detentores do poder, porque possuem “informações privilegiadas” (Ibidem) sobre, por exemplo, a exploração de poços de



petróleo, as armas de destruição em massa, a engenharia genética, as aeronaves, etc. e vendem-nas a preço de ouro aos “povos subdesenvolvidos”.

Como as não-coisas, na era digital, as imagens dos objetos, tornaram-se mais importantes do que eles próprios, que são oferecidos pelas tecnologias digitais, para o *homo consumans* que se extasia, se envolve emocionalmente e se diverte, propõe-se como não-coisa, mas como valor a ser retomado: a alteridade. Ela supõe a presença do outro, real, que, do lado de lá do meio digital, deve ser reconhecido em sua identidade cultural, com capacidade crítica de escolha por valores que lhe sejam importantes e não o deixem submerso em um oceano de informações, a fim de que se afogue na banalização. Tendo sido, portanto, dimensionadas as principais características da sociedade complexa, passa-se a esclarecer o que representa o outro como valor.

A importância do outro

Na sociedade complexa, a idéia que se tem da alteridade adquire mais valor, na medida em que os conflitos sociais se tornam mais freqüentes e, cada vez, mais acirrados devido ao avanço das tecnologias. Por esse motivo, na sociedade complexa, a comunicação se torna primordial para o entendimento entre os homens e, para que ele aconteça, é necessário que se estabeleça o diálogo com o outro, a partir dos conflitos, que podem ser considerados dialeticamente como polos da evolução social.

Analisa-se a alteridade, tendo como base Lévinas, que no prólogo de sua obra, já declara: “Um significa o outro e é significado por ele, cada um é signo do outro (...)” (2009, p.14). De início, o autor situa o *homo signans* que incorporamos à idéia de Morin, que acrescenta à antiga classificação: *homo sapiens* e *homo faber*, outras características da abrangência do *homo complexus*⁵. Logo, a alteridade alicerça-se na e pela linguagem, ou seja, ela nos leva ao outro e a nós mesmos, pela comunicação interpessoal que fundamenta a relação entre os homens em função de sua evolução social, assim como a comunicação intrapessoal que cria a consciência: ela reúne o passado pela memória, que faz com que possamos fazer as escolhas do presente, assim

⁵ Remete-se aqui à ruptura do enclausuramento do saber, proposta por Morin, quando, considerando a complexidade humana, amplia a classificação do ser humano, em *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, p.52-61



como projetar o futuro de cada indivíduo, assim como o da sociedade.⁶ Novamente, reitera-se esse argumento: “a linguagem é a casa do ser” (LÉVINAS, 2009, p. 26).

Contudo, a experiência que abrange todas as linguagens, para Lévinas, “é uma leitura” (Ibid.), ou seja, é processo de significação, cuja importância se integra à mão, maior responsável pelos gestos, como o técnico (ex. o fabrico); às linguagens sonoras (a fala, por exemplo); etc. Mas, nota-se a importância da visão em função de ver o rosto do outro, uma vez que: “O outro homem comanda, a partir do seu rosto –, que não está encerrado na forma do aparecer – nu despojado de sua forma” (...) (p.15-16).

A cultura depende do outro, visto que é para ele que alguém a produz; é para ele que a comunicação se realiza, pois por meio dele a significação cultural acontece. Mas, segundo o filósofo, o outro não é significação: “ele é primordialmente sentido, pois ele o confere à própria expressão, e é por ele somente que um fenômeno como o da significação se introduz, de per si, no ser.” (p.50).

Se o outro é o sentido, ele me afeta, questiona e interfere em minha consciência, quando eu o acolho. Outro estudioso: Peirce -, reafirma essa posição de Lévinas, quando entende o homem como signo, mas não ignora que ao universo dos signos pertence a significação e o ser humano detém o sentido, porque “o homem tem consciência e a palavra não.” (1974, p.88). Ainda, reconhece a importância da consciência⁷ para o desenvolvimento humano:

O homem signo adquire informação e passa a significar mais que antes. E o mesmo acontece com as palavras. (...) De fato, homens e palavras educam-se mutuamente; cada aumento de informação humana envolve e é envolvido por um aumento de informação das palavras. (Ibidem).

É preciso ainda observar a importância do outro para a mediação sógnica, que também, para o autor, fundamenta a evolução do homem que hoje se configura como complexidade humana e, portanto, sócio-cultural, quando declara que “a realidade depende da decisão derradeira da comunidade; (...) a existência do pensamento de agora depende do que virá; (...) depende do pensamento futuro da comunidade.” (p.89). Assim, se a evolução depende da comunidade, sabe-se que a idéia da alteridade está subentendida nos escritos de Peirce, quando vem à tona a conceituação de secundidade, que consiste em reação e/ou relação, envolvendo dois elementos: “Existir é estar numa

⁶ Outro pensamento, que fundamenta essa reflexão, é o de Bergson, Henri, A Evolução Criadora.

⁷ Para Peirce há “três modos de consciência de consciência, sensação, EXPERIÊNCIA (experiência significa precisamente aquilo que a história da minha vida me FORÇOU a pensar; (...) e por fim, a consciência do futuro (...)) que entra em todas as idéias gerais de acordo com a minha variedade do pragmatismo. (Cap. V, A William James, p. 115, 1974)



relação, tomar um lugar na infinita miríade das determinações do universo, resistir e reagir, ocupar um tempo e espaço particulares, confrontar-se com outros corpos...” (SANTAELLA, 2001, p.47) -, o que pressupõe a presença do outro, também.

Para que haja mediação sógnica, de novo reafirma-se a necessidade do outro presente na própria concepção de signo: “Um signo é (...) algo que representa algo para alguém, sob algum prisma” (PEIRCE, 1972, p. 26)⁸.

Conclui-se, então que o próprio ser humano, com seu desenvolvimento por meio das linguagens (não apenas da palavra), sempre viveu em relação dialética com o outro, embora ela, muitas vezes não seja dialógica, constatando-se que a alteridade sempre esteve e está presente na sociedade humana, vista do modo como a entende Lévinas, constituindo-se como valor, que se procura analisar a seguir.

A alteridade como valor na Sociedade Complexa

De início, concorda-se com que “Valor é, sem dúvida, algo que é objeto de uma experiência, de uma vivência.”(HESSEN, 1946, p.36). Logo, pode-se inferir que o valor é aquilo que assimilamos a partir de nossa própria vida, vivendo a relação com o outro e, quando se lembra de Peirce, pertence ao homem, embora significado pelos signos ou quando se remete a Lévinas, pertence ao sentido embora se traduza pela significação.

Ainda, Hessen acrescenta: “no conceito de valor está incluído o da sua referência a um sujeito. *Valor é sempre valor para alguém.(...) é a qualidade de uma coisa, que só pode pertencer-lhe em função de um sujeito dotado de uma certa consciência capaz de a registrar.*” (p.45). O autor volta a reafirmar depois que o valor está sempre para alguém, o que gera semelhança com o conceito de signo, mas a diferença contundente entre ambos é que este pertence à significação (Lévinas) e aquele ao sentido, que é próprio do ser humano.

Nesse sentido, a relação com o outro é o fundamento e a base do valor, o que se pode reforçar por meio de outro estudioso do assunto: “O desejo funda o valor, alicerçando-o na relação, pois as representações de que se socorre, não são mais, afinal, do que símbolos fundadores do reconhecimento e da reciprocidade.” (RESWEBER, 2002, p.13) Além de analisar os diferentes tipos de valor: o Bem, o Belo, etc, constata que dos valores depende a “realização de um ideal ético na cultura e na sociedade, mas também

⁸ Refere-se a Obras, v.2, § 228,



na ordem de uma natureza trabalhada pelo homem” (p.17). Embora a sociedade tenha evoluído e se tornado complexa, certamente, o princípio dos valores, como cita o autor (p.19), está “na experiência da relação intersubjetiva.”, embora essa relação exista em um novo contexto que valoriza a economia de mercado que mantém a pobreza; que responde aos conflitos por meio de guerras; que se impõe pelo avanço tecnológico e, por conseguinte, pelo desejo de dominação; e que possui novas formas de comunicação. Dentro desse contexto, os valores dependem das linguagens, que lhes possibilitam a contextualização no campo da significação, determinada por um consenso social, reiterando, portanto, a necessidade da presença do outro que participa da concordância, para que eles se estabeleçam como crença. Assim, a presença do outro (refere-se aqui a outro ser humano), que se reconhece, por meio da relação intersubjetiva, firma o “consenso, dever-ser, lei, reconhecimento do outro, elo intersubjetivo, fundados na partilha dos sentimentos comuns ou da palavra.” (p.25). Não seria, então, a alteridade: o reconhecimento e a aceitação do outro-, o valor a ser priorizado pela cultura? Certamente, tanto as linguagens: os sistemas de signos (gestos, expressão facial, mídia etc) -, como os utensílios são meios de comunicação, que estão a serviço da instituição e do reconhecimento do outro como valor.

Sabe-se, porém, que na sociedade atual o valor econômico, utilitário, suplanta o valor ético, moral, etc, porque o renega em função da *mais valia*, não importando quantas vidas humanas ou de outros animais serão sacrificadas para alcançar esse objetivo. Por tudo isso, abandona-se a consciência, abrigo da memória que pode redirecionar a História, em função da aceitação do outro e de suas diferenças culturais através do diálogo, há muito tempo abandonado, pelos meios de comunicação, cujo objetivo centra-se na manipulação em função de ganhos econômicos e políticos, que atuam em dependência mútua e com reciprocidade, relegando para outro plano qualquer, a relação humana.

O maior valor na sociedade complexa se faz a partir da aceitação do outro e pelo outro, porque o egocentrismo ou o narcisismo bloqueiam qualquer atitude do outro como co-participante do espaço da liberdade que se deseja conquistar. “O valor realiza-se, então, como a experiência de uma ação, como o horizonte de um compromisso, como o projeto de uma obra, de um trabalho ou de um qualquer empreendimento.”(p.34), que pressuponha a colaboração do outro ser, logo a alteridade é o principal valor humano. A aceitação do outro pelo diálogo, suscita a aceitação do conflito como componente das



diferenças humanas e, por conseguinte, a aceitação do outro com suas culturas específicas, mas também cria relações com outros valores sócio-políticos, como a paz. Resweber, fundamentando-se em Mounier, pontua que o compromisso é o valor fundamental para afirmação de outros valores (p.77), mas associa-o à aceitação da crítica, que sempre deve ser direcionada ao entendimento. Para isso, em função da aceitação do outro com suas diferenças, a comunicação intervém de forma incisiva, mas não somente a interpessoal, visto que vivemos em uma sociedade complexa que se fez a partir da globalização. No mundo atual, quando se dirige ao outro, ele, muitas vezes possui um sentido coletivo: público, multidões, massa -, portanto a comunicação deve buscar o consenso, não apenas em torno do produto oferecido para consumo, mas pela oferta dos valores éticos e morais, como, por exemplo, a alteridade como condição *sine qua non* para a existência da paz entre os povos. Como exemplo de comunicação que apresenta a alteridade como valor, que se concretiza por meio do diálogo, analisa-se a seguir o anúncio Itaú-feira.

O diálogo para a alteridade

O anúncio do Banco Itaú, que foi ao ar antes da Copa do Mundo de 2010, criado pela Agência “África” de Publicidade, situa no cenário, como se ele fosse a Faixa de Gaza, uma rua onde acontece uma feira. O conflito se mostra dialeticamente, pela posição oposta em termos de espaço: de um lado, encontram-se os israelenses que vendem seus produtos específicos e do outro, os palestinos, também, pela feira, vendem os produtos típicos da alimentação de seu povo. No contexto da Copa de futebol, dois meninos, um de cada lado da rua veste a camisa da seleção brasileira: o menino israelense: Jacó - chuta a bola de futebol para o lado palestino e o impacto da bola faz com que um saco de grãos seja derrubado, espalhando-os pelo chão. A cena seguinte mostra o constrangimento causado por esse ato, quando as personagens adultas ficam estarecidas e paradas. O resultado de uma ação de conflito, no mundo real, resultaria em ações bélicas, mas o futebol é colocado como possibilidade de diálogo entre os povos. O garoto vestido como palestino: Jamal - devolve a bola de futebol em um gesto de relação dialógica entre os dois povos, marcados, na realidade, por conflitos constantes. O locutor anuncia que o futebol une as pessoas.

É digna de nota a necessidade da mediação feita pelo futebol, à medida que o garoto palestino aceita o israelense (o outro) e devolve-lhe a bola típica do esporte, que



representa o diálogo que se realiza no confronto existente (“antes deles nascerem”), entre os povos de culturas diferentes.

Observando-se o anúncio, não somente do ponto-de-vista da narrativa, observa-se que um banco vende seu produto, em função da *mais valia*, mas associa ao valor financeiro, o valor ético em função da paz, pelo reconhecimento do diálogo possível, quando a alteridade é identificada como valor a se considerar culturalmente e socialmente. Assim, o conflito social dá lugar, por meio da linguagem da Publicidade, “aos valores postos em jogo no ritual cultural” (RESWEBER, 2002, p.94), ou seja, conforme Lévinas, é a responsabilidade pela liberdade do outro, à medida que o ego se abre para ele e o recebe.

Referências Bibliográficas:

FLUSSER, V. **O Mundo Codificado**: por uma filosofia do design e da comunicação. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

HESSEN, J.. **Filosofia dos Valores**. S. Paulo: Saraiva Editores, 1946

KONDER, L. **O que é dialética**. São Paulo: Brasiliense, 2008. (Coleção Primeiros Passos; 23)

LÉVINAS, E. **Humanismo do Outro Homem**. Petrópolis RJ: Vozes, 2009

_____. **Entre nous: Essais sur le Penser-à-l'autre**. Paris:Grasset, 1991

MORIN, E. **Sociologia**: a Sociologia do Microsocial ao Macroplanetário, Portugal: Publicações Europa-América Ltda,1998

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. S. Paulo: Cortez/UNESCO, 2004

PEIRCE, Ch. S.. **Escritos Publicados** in Os Pensadores (XXXVI vol.) S. Paulo: Abril Cultural S.A, 1974

PEIRCE, Ch. S. **Semiótica e Filosofia**. S.Paulo: Cultrix, 1972 (Introdução, seleção e tradução de Octanny Silveira da Motta e Leonidas Hegenberg).

RESWEBER, J.-P.. **A Filosofia dos Valores**. Coimbra: Livraria Almedina, 2002

ROUSSEAU, J-J.. **O Contrato Social**. S. Paulo: Editora Cultrix, s.d.

SANTAELLA, L. **O que É Semiótica**. S.Paulo: Brasiliense, 2001 (Coleção Primeiros Passos:103)

Anúncio Itaú feira in <http://www.youtube.com/watch?v=HgcmvNfFWq0>, acessado pela última vez, dia 6/07/2010



